ANNO 1.º — Sabbado, 26 de dezembro de 1908 — Numero 45

O DEMOCRATA

REDACTORES
Albano Coutinho,
Dr. Fernandes Costa, Dr. Samuel Maia
e Dr. André dos Reis

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ARNALDO RIBEIRO

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Composto e impresso na **Typ. Minerva Central** de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	30 réis
Repetições	20 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

Um documento notavel

Ao cidadão Presidente da Commissão Municipal Republicana de Lourenço Marques.

Meu Amigo

O telegramma que em 5 do corrente inesperadamente recebi dos nossos correligionarios d'essa cidade, participando-me a maioria ahi obtida pela minha candidatura na ultima eleição de deputados, e felicitando-me por esse facto, penhorou-me e comoveu-me profundamente. Penhorou-me pela sua honrosa e cordeal significação; comoveu-me porque veio tornar ainda mais intensas as saudades do tempo que passei n'essa terra que tanto amo, e tornar ainda mais viva a recordação das manifestações que expontanea e generosamente me foram dispensadas pelos seus habitantes, quando, por ter exercido os meus direitos de cidadão sem postergar os meus deveres de magistrado, se me impôz a exoneração do cargo que desempenhava na Provincia.

Quero tambem confessar sinceramente que foi grande, que foi immensa a satisfação que senti ao ler esse telegramma, não pelos votos concedidos ao meu nome, que nada vale, que sem duvida alcançou uma honra immerecida, mas pelo triumpho da causa democratica, á qual mais uma vez a maioria dos eleitores de Lourenço Marques praticamente manifestou a sua corajosa e devotada adhesão.

E justo era assim sucedesse, desde que, se não fora em 1880 a patriotica e arrojada attitude e a acção energica do partido Republicano, que então terçava as suas primeiras lanças, decerto se teria consumado a ractificação do ominoso tractado de 28 de maio, e talvez hoje n'essa terra a bandeira portugueza só podesse ser encontrada, triste e abatida, no mastro de alguma modesta agencia consular.

E', todavia, de suppôr que o exemplo da nobre e altiva isenção que o eleitorado de Lourenço Marques acaba de dar, tenha provocado ou venha a provocar criticas e censuras, sobretudo de aquelles que para uso das opposições — diga-se de passagem, — costumam proclamar que **nas colonias não deve haver politica**. Será verdadeiro este principio? Muma Droz, o modelar cidadão e celebre homem politico que a Suissa perdeu em 1899, na sua notavel obra «Instruction Civique» admiravelmente adaptada a Portugal pelo illustre escriptor e dedicado apostolo da educação popular—*Trindade Coelho*—no seu «Manual Politico do Cidadão Portuguez» insurge-se contra o funesto egoismo que leva alguns individuos ao completo desprezo pelos negocios publicos, para só se preoccuparem com os seus interesses particulares, e entende que semelhante mal deve ser combatido.

Trindade Coelho traduz as ideias do grande suisso pela forma seguinte:

«A politica, isto é, tudo que diz respeito aos negocios do paiz interessa a todos os cidadãos: se é mal dirigida, os negocios soffrem, e todos os individuos se resentem d'isso; deixar a alguns homens apenas o cuidado de fazerem as leis, dar-lhes carta branca para administrarem o paiz, é expormo-nos ás mais funestas consequencias, como a delapidação dos dinheiros publicos, a violação dos direitos individuaes, perda da independencia Nacional, a ruina da Patria. Foi por haverem assim abandonado os negocios publicos a um pequeno numero de individuos, que tantos povos da antiguidade e dos tempos modernos pereceram miseravelmente, ou soffreram gravissimos damnos na sua força, na sua honra, na sua riqueza e no seu territorio».

Estas palavras constituem verdades profundissimas, que cada um deve gravar no mais intimo do seu espirito, para que nunca de lá desappareçam.

A lição n'ellas contida bem poderia ter sido tirada da historia dos ultimos periodos da nacionalidade Portugueza.

Fazer politica na accepção mesquinha que este termo adquiriu nas luctas das facções que teem presidido aos destinos do nosso malfadado paiz, é sem contestação um erro enorme, um gravissimo attentado, tanto nas colonias, como na metropole; mas fazer a verdadeira politica, aquella que Muma Droz tão singela e eloquentemente definiu, é um dever que nenhum cidadão digno d'este nome, póde preterir.

E se as nossas colonias teem direito a representação no parlamento, e se este direito lhes é reconhecido nas leis, como hade exercel-o a parte consciente do corpo eleitoral? Abandonando a urna aos agentes da auctoridade? Subordinando-se incondicionalmente á vontade do poder? Assistindo sem protesto á magica transformação de milhares de pobres selvagens em *cidadãos eleitores*, para que aos candidatos officiaes nunca falte a maioria? De modo algum.

Semelhante passividade seria verdadeiramente criminosa e offereceria um argumento decisivo áquelles que entendem dever suprimir-se dos parlamentos metropolitanos a representação colonial.

Quantas e quantas vezes eu tenho ouvido defender esta opinião e quantas e quantas vezes a tenho combatido!

E não é só entre nós que se apresenta.—Em França, no congresso colonial Nacional de 1889, foi elle objecto de apaixonadas controversias, e em janeiro de 1897 chegou a ser levada á camara dos deputados n'esse paiz uma proposta tendente á suppressão da representação parlamentar n'algumas das suas principaes colonias.

Alem d'isso tal doutrina conta como adeptos publicistas distinctos, entre os quaes se salienta Billiard pela paixão com que trata do assumpto, no capitulo 1.º da parte segunda do seu livro «Politique et Organisation Coloniales» 1899.

Mas poderá semelhante corrente adquirir, perante os factos e perante a razão, força bastante para vingar? Entendo que não.

O eminente colonial Arthur Girault responde brilhantemente aos partidarios d'essa doutrina, no 1.º volume da sua notavel obra «Principes de Colonisation et de Legislation Coloniale» Ed. de 1904, expondo e apreciando, um a um, os argumentos por elles adduzidos e chegando á conclusão que se encontra resumida nos seguintes periodos:

A representação colonial é o signal visivel do laço poderoso que reune todas as partes do territorio da nação.

Melhor que todas as promessas e que todas as phrases ella prova aos colonos que não estão abandonados e que, apezar do seu afastamento material, é tida sempre na conta a sua existencia na grande unidade moral da Patria.

O que afinal os adversarios da representação colonial criticam não é a presença dos deputados coloniaes no Parlamento—o que é o essencial—é o systema da sua eleição—o que é secundario.

Do que, portanto, convem simplesmente tratar é da **Formação d'um corpo eleitoral representando os interesses geraes e permanentes das colonias,** *cuja base, bastante restricta a principio, deverá ser alargada progressivamente Ainda n'este ponto se torna necessario que a legislação colonial não seja copiada da legislação metropolita.*

São estas precisamente as ideias que perfilho sobre tão importante assumpto.

As nossas colonias devem continuar a ter o direito de mandar ás camaras, quem ali possa advogar a sua causa e defender os legitimos interesses dos seus habitantes, tantas vezes sacrificados, e quem em nome d'ellas possa intervir nas discussões e deliberações que digam respeito ao bem geral da nação.

O que, porem, se torna absolutamente indispensavel é **a organisação d'um corpo eleitoral que verdadeiramente represente os seus elementos activos e conscientes,** cortando tristes exibições como as de **Mossuril e Angoche,** para que essa representação não fique inteiramente á mercê dos governos e não continue a ser o que tem sido até hoje: uma deploravel comedia.

Já vae longa esta carta. Comecei-a no simples intuito de communicar impressões, que não devia esconder, e de exprimir sentimentos, que não podia calar; mas fui irresistivelmente conduzido á rememoração de principios.

E ainda bem, porque esses factos e esses principios, embora mal descriptos, embora mal definidos, levam comtudo uma verdade que ninguem de boa fé tentará illudir: que a attitude do eleitorado de Lourenço Marques, não foi só inteiramente legitima, foi tambem iminentemente patriotica.

Ella não representou apenas uma energica affirmação de direitos; constituiu tambem um vigoroso protesto contra *os erros que de longe veem* e uma eloquente manifestação de crenças, mostrando ao paiz, a quem se pretende fazer acreditar que de uma transformação politica resultará a perda das colonias, que os portuguezes que n'ellas vivem, que n'ellas trabalham, que n'ellas teem gasto o melhor da sua existencia e o melhor do seu sangue, que n'ellas teem os seus interesses, os seus haveres e, emfim, todas as suas esperanças, não se arreceiam d'esse ardiloso vaticinio, e antes confiadamente se decidem pela causa que hade redimir a patria portugueza.

Só n'um ponto a maioria dos eleitores de Lourenço Marques se deixou mover mais pelo sentimento, do que pela justiça: foi na escolha do meu nome.

E' certo que tenho um grande amôr a essa terra; que n'ella trabalhei sem descanço; que apaixonadamente me dediquei, para bem servi-la, ao estudo dos problemas da sua administração, e que ainda não deixei de acompanhar com verdadeiro interesse a gerencia dos seus negocios publicos, e de tomar conhecimento cuidadoso das medidas que lhe teem sido outorgadas; mas tambem é certo que outras condições me faltam para bem poder desempenhar um mandato que, longe de representar um titulo meramente decorativo, como tantos imaginam, constitue um cargo de altissima responsabilidade.

Não é por fingida modestia que assim fallo, é por dever de lealdade para aquelles de quem venho de receber uma tão grande prova de confiança e sympathia.

Seguro porem, de que Mossuril e Angoche terão fielmente cumprido a sua costumada missão, uma só coisa sinceramente desejo: que o illustre candidato do governo seja, como é capaz de ser, um devotado incançavel defensor dos direitos e dos interesses da provincia de Moçambique.

Terminando, peço-lhe meu amigo, que transmitta aos eleitores d'esse circulo, os protestos do meu reconhecimento e aos nossos correligionarios, uma saudação enthusiastica, um agradecimento sincero e um abraço em que com elles estreitamente me uno pela mesma fé e pela mesma esperança n'um futuro redemptor.

Creia-me verdadeiramente amigo e correligionario grato e dedicado

Margão, 10 de maio de 1908.

(as.) **Francisco Manoel Couceiro da Costa.**

A redacção de **O Democrata** *dá as* **Bôas-festas** *a todos os seus estimaveis assignantes, amigos, collaboradores e collegas da imprensa.*

RAMOS

Conforme os velhos usos devem realisar-se hoje e ámanhã nas duas freguezias da cidade as tradicionaes entregas dos ramos que pela originalidade com que são revestidas, costumam attrahir bastante povo para as presenciar.

A questão é que o tempo esteja bom.

Urge proclamar a Republica

De todos os recantos da velha Terra Lusa, onde haja um cérebro que pense a sério no descalabro mortal, para que caminhamos, um coração que sinta a agonia atroz, em que a patria se debate, sahe este grito sagrado, perenne de fé, de calôr e de vida: *Urge proclamar a Republica!*

E como eu sinto bem tal urgencia, como a minha alma se revolta contra essa *monarchia criminosa* que nos conduzio á porta da bancarrota, que, opprimindo e embrutecendo cinco milhões de cidadãos, os sobrecarregou com uma divida fabulosa de 800 mil contos, sem que d'esse dinheiro sahissem as verbas indispensaveis: para que a vergonhosa percentagem de 80 % de analphabetos desapparecesse; para que a Armada portugueza, cujos marinheiros tão briosos são, tivesse, ao menos, uma duzia de barcos de guerra, com o valôr sufficiente para manter intacto nos mares o nome glorioso da patria de Gama e Alvares Cabral; para que o seu exercito, com o competente armamento, devidamente municiado, tivesse o duplo valôr do que lhe vem da coragem pessoal dos seus membros.

Nada d'isso ella nos tem dado. Em compensação *adeantou-se* e *adeantou!*

Por isso o grito, que serve de epigraphe a este modesto artigo, tão pobre de rhétorica, como de conceitos, é bem cabido e deve ser escutado pelos que superintendem na direcção da grande força democratica, que se chama: O Partido Republicano Portuguez.

Não basta, porem, proclamar a Republica, é indispensavel prepararmo-nos para ella com rapidez e com decisão.

Na capital, n'esta Lisboa, que me foi berço, e que eu amo estremecidamente, a preparação está feita. As nossas forças estão disciplinadas e conscientes e a prova está dada com a vereação que acaba de entrar no seu municipio e com as juntas de parochia, que, quasi totalmente, conquistámos!

Falta agora que na provincia, onde ha republicanos sinceros e destemidos, tanto como na capital, mas onde as influencias do classico *cacique* ainda imperam, infelizmente, o pôvo se emancipe dos que o querem vêr acorrentado, faminto e embrutecido. A's ameaças dos *patrões, despotasinhos*

em miniatura, responda com a firmeza inabalavel das suas convicções que tão sagradas devem ser, ou mais ainda, como as necessidades phisicas.

Compenetrai-vos, meus amigos, de que no dia sublime em que, á ordem infamante d'um *patrão*, arvorado em tyrano de *cerebros*, para que abdiquem da sua dignidade, votando n'um determinado candidato, que não representa o eleito da sua consciencia livre e independente, ou aclamem um symbolo qualquer, os, até aqui, eternos explorados, todos os famintos proletarios, ou a sua maioria, responderem que não querem, e votarem conforme a Razão, e só ella lh'o ordenar, o poder phantastico dos seus dominadores desvanecer-se-ha, como o fumo e na terra só existirá o principio divino e humano da «Solidariedade Universal. Parecer-vos-hão, talvez, uma utopia estas despretenciosas considerações, que da penna insignificante d'um simples soldado do partido republicano, acabam de sahir, candentes e sinceras. Não o são todavia.

Eu não admitto a submissão absoluta ao *Deus Milhão*, só porque as necessidades inherentes ao estomago no-la obrigam. Comprehendo que um só homem não possa reagir, quando o não aquece o fôgo sagrado da rebeldia e consequentemente a coragem devida para suportar as consequencias d'esse seu acto, á ordem despotica de quem pode tirar-lhe o trabalho, que lhe dá e aos seus o sustento quotidiano. Mas concebo perfeitamente que, quando a maioria dos opprimidos souber conscientemente impôr os seus direitos, não ha poder humano que possa subjuga-la e creio que isto é tão elementar, tão comesinho, que ninguem poderá contradictar-me.

Saiba, pois, o povo republicano das provincias, trabalhador, digno e brioso, como é, aprender com os seus irmãos de Lisboa a *querer*, como já sabe e tem-no demonstrado, *pensar*.

A Republica tem de vir breve; é, pois, preciso que na hora salvadora, em que o pavilhão *verde-vermelho* fluctuar nas nossas fortalezas e outros logares publicos, cada cidadão comprehenda os seus direitos e deveres, auxiliando com o seu civismo e a sua dedicação os que o suffragio, e só elle, primeiro designar para seus representantes no poder, que por todos, dentro da ordem, ha-de ser partilhado.

Não queiramos nunca dar razão aos vossos detractores da imprensa mornarchico-clerical, quando nos acusam de pretendermos substituir apenas a corôa d'um rei pelo barrete phrigio d'um *presidente*.

Não, o nosso intuito, a ancia constante da nossa alma de revoluccionarios, não dever ser, e *não o é*, destituirmos do seu throno uma creança, que culpa alguma tem de ter nascido n'um berço regio, e que pelos seus actos directos não pode concitar-nos até hoje o minimo odio, para lá colocarmos idolos nossos, dando ao throno outro nome.

O que nós queremos é, tornando essa creança mais feliz, dando-lhe a liberdade de amar e viver como quizer, longe d'um meio, que, por certo, a asfixia, redimir-nos e redimir a Patria de nós todos, caminhando resolutos para o progresso constante, legando-a a nossos filhos livre e engrandecida, como rica de gloriosas tradições os nossos antepassados no-la legaram.

Lisboa—Dezembro de 908.

F. A. Carneiro.

COISAS E TAL

—

A crise

Já não é novidade. O snr. Ferreira do Amaral apóz dez mezes e pico de governo de acalmação, com chacinas, perseguições e tudo, foi-se abaixo arrastando os restantes companheiros que, como elle, pouco ou nada fizeram de geito.

Isto passou-se ha oito dias, no fim da ultima semana, mas até á hora do nosso jornal entrar na machina ainda não foi possivel organisar novo ministerio, pelo que continuamos fóra dos eixos.

Vamos a vêr se ao sr. Campos Henriques, agora indigitado para formar gabinete, não succede o mesmo que succedeu ao snr. Beirão, do nariz grande. No caso de ser bem succedido, dá-se como certo o esfacelamento do partido regenerador, ficando o seu actual chefe unicamente com o estandarte de Ferreira do Alemtejo...

Mas os boatos que se estão produzido n'este momento são ainda tão desencontrados que a ninguem é licito, por emquanto, prever ao certo o que sahirá de toda esta trapalhada.

Ficamos, por isso, na espectativa e parece-nos que não ficâmos mal.

O que fôr soará.

Caminho de ferro do Valle do Vouga

Foi aberto á exploração publica na segunda feira passada o primeiro troço d'esta linha comprehendido entre Espinho e Oliveira d'Azemeis

E' um melhoramento importante que, a nosso vêr, hade contribuir muitissimo para o engrandecimento d'uma das mais formosas villas do nosso districto como é a de Oliveira.

Naufragio

Em virtude do mau estado da barra, deu á costa no passado domingo, um pouco ao sul do pharol, o hiate *Arthur* pertencente á praça do Porto e que provinha d'aquella cidade com carregamento de carvão destinado á firma Antonio da Cunha Pereira, Successor.

A tripulação salvou-se não podendo outro tanto dizer-se do navio que, por completo, se perdeu.

Estava no seguro bem como a carga.

Commissão districtal

Procedeu-se no domingo á eleição d'esta commissão ficando eleitos para o triennio que começa em janeiro, os seguintes cavalheiros, todos progressistas:

Effectivos:—Dr. Elias Fernandes Pereira, dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida Eça e João Bernardo Ribeiro Junior.

Substitutos:—Padre Antonio dos Santos Pato, padre João Pinto Rachão e José Rodrigues Pardinha.

O RELATORIO

—

Trava-se n'este momento, a dentro dos muros d'esta cidade, rija peleja entre os srs. ex-presidente e o actual presidente da camara.

Não nos é indifferente o combate, e a elle assistimos calmos e serenos, sem paixões de qualquer ordem, buscando, no meio das mutuas amabilidades que se dirigem os litigantes, e que se lêem nas entrelinhas, alcançar, descobrir a verdade, para em opportuna occasião intervirmos.

Orgão defensor do povo, zelando quanto possivel os interesses do districto e do concelho, *O Democrata*, que muito combateu o ex-presidente da camara, ao contrario d'um outro collega da localidade não se desinteressa da questão que se agita em nosso meio.

E' que tal questão reveste summa importancia.

O relatorio da situação economica do nosso municipio, em 30 de novembro ultimo, a ser verdadeiro, constitue uma sentença grave que pede immediata execução. Revelando-nos bem em que mãos esteve entregue, durante mais de dois annos, a administração municipal, patenteia-nos d'uma fórma clara o desamôr e a falta de criterio com que, em tão curto lapso de tempo, se olhou tudo quanto interessava a nossa economia.

Gastar tão loucamente, tão prodigamente, sem conta, peso ou medida, jamais se viu!

Brada aos Ceus! E' horripilante lêr o relatorio em questão, pasmando-se da audacia com que se onerou mais o nosso já empobrecido erario, creando-lhe encargos com despezas inteiramente inuteis e que não eram nem necessarias, nem urgentes, nem obrigatorias.

Já o cofre municipal se sentia afogadissimo com enormes debitos e não se arreceiou a vereação cessante de contractar obras e realisar trabalhos sem vantagens para o concelho, ficando a dever toda a importancia d'essas obras e d'esses trabalhos realisados!

O caso ha de fatalmente dar de si!

Se a vereação, que vem de findar o mandato, praticou realmente as irregularidades, que o relatorio lhe attribue, intencionalmente, ou por negligencia ou falta de zelo, esbanjou, ou deixou que se esbanjassem, os dinheiros publicos, não póde ella ficar impune. Isto não é *roupa de francezes*...

Em face do relatorio e das muitas accusações, que n'elle se conteem, é necessario que o ex-presidente da camara se explique e nos esclareça!

Que o sr. Gustavo, a bem dos interesses do concelho, ponha egualmente em pratos limpos tudo quanto mais sabe ou possa vir a saber!

Estamos álerta e iremos seguindo com o maior interesse a questão que se debate, promptos a fazer justiça a quem a merecer.

Ambos os litigantes são nossos adversarios politicos, ambos nos merecem pessoaes considerações, mas n'este caso não vemos adversarios, nem pessoas.

E não admittimos a ninguem, quem quer que seja que venha mentir-nos ou que, procure ludibriar o publico em assumpto tão grave como este é.

Onde a mentira, onde a verdade? é preciso que se saiba! Exigimol-o nós em nome do concelho.

O relatorio é menos leal e consciencioso? Que isso se patenteie. Se as contestações do sr. ex-presidente são verdadeiras que tal se prove d'uma fórma clara e positiva!

Transferencia

A seu contento, foi transferido para o 3.º districto criminal do Porto o nosso amigo sr. Manoel Cação Gaspar que durante alguns annos exerceu na comarca d'Aveiro o logar de escrivão substituto do 5.º officio.

Dando-lhe os parabens desejamos que seja muito feliz.

Voltando á vacca fria

—

Dissémos nós, vindo á puxada do sr. Regalla, no *Districto*, que quem tem reviravoltas na vida, como s. ex.ª, carece de auctoridade para fallar dos republicanos como elle fez, e, agora depois da sua resposta que *excepcionalmente* nos deu, vamos mais longe ainda, porque temos pela frente um homem que não tem coragem de confessar que foi republicano, que escreveu na imprensa d'este partido, terçando armas pela causa democratica com tanto calor e arranque que até deu brado entre os seus patricios. A' ultima hora, porém, falhou-lhe a memoria e não ha meio de lhe espevitarmos o bestunto para que elle, remorando a sua figura de então, a ponha em confronto com o papel triste que agora representa.

Safada memoria essa que lhe fez taboa rasa do seu movediço espirito a ponto de julgar que tudo isso seria *uma mentira da sua vida!* Não ha duvida que a evasiva é acomodaticia, mas não serve a todas as envergaduras, nem quadra a todos os estomagos.

A'manhã, implantada a Republica, o sr. Regalla com aquella sua falta de memoria dirá com essa mesma cara e desplantê para conservar a reforma de marinheiro com a reitoria do lyceu, que, realmente, se não lembra de ter lido a mensagem a s. m. el-rei nem de ter acompanhado os rapazes a Oliveira d'Azemeis para engrossar a manifestação realenga, e será até capaz de affirmar, como dizia o outro, que já era republicano do tempo do Marreca!!!

N'um afrouxar de memoria, para não dizer de caracter, porque s. ex.ª offendia-se muito, estamos em crêr que o sr. Regalla não terá escrupulo em negar que o tal artigo em que fez estendal da sua fé monarchica gastro-intestinal, a ter-lhe sahido dos bicos da penna, foi ha tantos annos que até talvez fosse mentira!

Eis o miseravel pretexto de que s. ex.ª se serve para justificar um mau acto da sua vida, em que provou mais uma vez a sua leviandade, saltando para terreno tão escorregadio e orlado de principios. Nem ao menos a prudencia rudimentar dos manhosos que teem telhado de vidro!

E' triste, Sr. Regalla. E quanto a nós melhor seria que o sr. Regalla se deixasse ficar na modorra somnolenta dos estomagos aconchegados e não viesse jizar numeros sobre votações republicanos pois, bem sabe que os seus antigos correligionarios, em Lisboa e Porto, sem o saquitel das graças, contra todos os meios de corrupção de que dispõe o regimen, contra a colligação systematica de todos os partidos monarchicos, todos, ainda assim lhe dão batalha e levam alguns votosinhos á urna. No Porto tiveram bastante votação, 32 juntas de parochia em Lisboa, 7 deputados e bastantes camaras republicanas espalhadas por esse paiz além. Sempre tem medrado alguma coisa; mas socegue que ainda não são assaz fortes para lhe tirar uma das postas. Isto, todavia, são banalidades que pouco ou nada nos interessam no caso sujeito; o que muito nos importa é fustigar-lhe aqui em publico a sua apostasia, para que todos conheçam o estofo d'estes serventuarios da monarchia que praticam o *heroismo* de lêr mensagens á magestade emquanto o regimen fôr sustentando esses adeptos que comem a dois carrinhos.

Quanto a bandeiras, reforma e reitoria muito tinhamos que dizer sobre o assumpto, mas quedamo-nos por aqui, pois não queremos que S. Ex.ª se contorça fazendo caras feias.

Mostrámos já o que foi, o que é e o que poderá vir a ser, se a memoria continuar a faltar-lhe. Está definido. E mais uma vez—poupe-nos; mas se não poder ser até á primeira, porque temos dito.

BRINDE

Offerecido pelo conceituado negociante snr. Bernardo Torres proprietario da conhecida tabacaria *Veneziana Central*, aos Arcos, recebemos alguns exemplares d'um pequeno almanach de algibeira para 1909 e que aquelle nosso amigo distribuiu pelos seus numerosos freguezes.

Além do calendario, o *Petit Bijou* do snr. Bernardo Torres traz varias indicações de reconhecida utilidade o que o torna duplamente vantajoso.

Os nossos agradecimentos.

Dr. Francisco Couceiro da Costa

Transcrevemos do nosso confrade *Progresso de Lourenço Marques*, a carta que n'outro logar publicamos e que sobre ser um *documento notavel*, como elle lhe chama, é ao mesmo tempo a affirmação solemne do alto espirito de quem a subscreve.

Como se sabe, o nosso patricio dr. Francisco Couceiro exercia em Lourenço Marques as funcções de juiz de Direito quando, por virtude d'uma conferencia que ali realisou a convite d'uma associação de empregados do commercio, foi accintosamente perseguido pelo governo da dictadura que no curto espaço de 24 horas o transferiu para a India sem outras formalidades legaes que não fossem as do quero, posso e mando.

Esta medida irritou, pode-se dizer, toda a provincia de Moçambique onde o dr. Francisco Couceiro era geralmente estimado, como o é entre nós, e d'ahi o terem os seus amigos e correligionarios proposto o seu nome a candidato a deputado republicano pelo circulo, nas ultimas eleições. O resultado é já conhecido do publico por d'elle darem conta os jornaes d'essa epocha.

O dr. Couceiro da Costa obteve para cima de 300 votos sobre o candidato governamental mais votado em Lourenço Marques! Quer dizer, se não fossem as chapelladas das assembleias suburbanas o dr. Francisco Couceiro teria a esta hora assento nas cadeiras do parlamento ao lado dos sete deputados

do nosso partido que tanto o honram bem como o paiz de que só elles são os legitimos representantes.

E', pois, aos seus eleitores que o dr. Couceiro se dirige para lhes agradecer a honrosa votação com que o distinguiram e ao mesmo tempo communicar-lhes as impressões que tem da colonia a que elle tanto se dedicou, pugnando sempre pelo seu engrandecimento moral e material.

O enthusiasmo que produziu a leitura d'essa carta, dil-o ainda o *Progresso de Lourenço Marques* n'estas linhas que passamos a transcrever tambem e que dão a ideia do quanto é venerado o nome do dr. Couceiro da Costa:

Foi verdadeiramente indiscriptivel o enthusiasmo no novo centro republicano ao ser lida a carta que o dr. Couceiro da Costa mandou, por nosso intermedio, ao presidente da Commissão Municipal republicana d'esta cidade; e não foi sem razão esse enthusiasmo porque constitue um facto novo na historia politica de Portugal, a franqueza com que o illustre e prestigioso magistrado se expressa.

A carta, pois, do dr. Couceiro da Costa, se tem um alto valor pelo que diz, se tem um grande merecimento, por ser assignada por um homem d'uma elevada estatura moral e intellectual, tem comtudo valor muito maior por ser assignada por um magistrado, que entendeu não dever escravisar o seu modo de pensar, as aspirações da sua alma honesta e grande, á beca de juiz.

Este facto de per si bastaria em qualquer paiz do mundo, maiormente em Portugal onde os espiões fervilham e pullulam em todos os cantos, para nobilitar um homem que ao pratical-o o fez modestamente, pretendendo tirar-lhe todo o valor e sem olhar a interesses, antes talvez sacrificando-os.

Na reunião do centro republicano foram naturalmente pesadas todas estas circumstancias; as individualidades alli reunidas na mais franca e cordeal communhão de ideias avalaram n'um relance este altivo e nobre gesto civico do dr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, e d'ahi o victoriarem o seu nome querido, n'uma delirante ovação, ao terminar a leitura da sua nobilissima carta.

Assim devia ser, e era justo que fosse, pois que a carta do dr. Couceiro da Costa é um documento notavel, que ficará para sempre a attestar a hombridade e o civismo de quem a subscreveu.

Foi certamente por isso que por entre palmas e vivas, a assembleia completamente electrisada, e n'um delirio indescriptivel, resolveu mandar immediatamente o seguinte telegramma ao altissimo homem de bem que se chama Couceiro da Costa:

COUCEIRO COSTA—Margão.

Commissão Municipal Republicana nomeada e democratas Lourenço Marques agradecem penhorados carta dez maio solicitando nome Vossa Excellencia centro Republicano organisado.

Progresso.

Em resposta a este telegramma o illustre magistrado enviou-nos a seguinte communicação telegraphica:

Progresso.—Lourenço Marques.

Agradeço. Aguardem carta.

Couceiro.

No proximo numero completaremos com a nova carta do dr. Couceiro as informações sobre o novo centro republicano de Lourenço Marques, vindas no *Progresso*.

NOTAS DA CARTEIRA

Partiu para Albergaria a Velha, onde vae passar com sua esposa as presentes ferias do Natal, o nosso presado amigo snr. dr. Eduardo Silva, professor do lyceu.

=Esteve n'esta cidade com pouca demora o nosso amigo Augusto Corte-Real.

=Veio passar com sua familia as festas do Natal, o nosso patricio snr. dr. Antonio Brandão, filho do digno empregado do governo civil, snr. José Maria do Couto Brandão.

=Tambem aqui se encontra, com egual fim acompanhado de sua esposa, o snr. Cezar Reis, professor primario em Soure.

COMMUNICADO

Temos em nosso puder um novo communicado sobre assumptos da freguezia de Arada que não publicamos em virtude da falta de assignatura.

«BEIRA MAR»

(Jornal monarchico)

Sahiu na segunda-feira este novo collega local que diz não vir prehencher lacuna alguma. A phrase é de calão, como elle proprio confessa e nós assim o entendemos.

Não vem realmente tapar nenhum buraco porque já havia na terra nada menos de nove jornaes de differentes côres e feitios e não póde a cadella com tantos cachorros. Por baixo do cabeçalho vemos escripto—*jornal monarchico*, e apresenta-se com filho legitimo do sr. dr. Jayme Duarte Silva que tambem foi pae do *Jornal d'Aveiro* que tinha sob o respectivo titulo esta indicação: *semanario republicano*. E' um phenomeno de explicação difficil, com recheio bastante para um substancioso artigo sob pathologia mental, se quizessemos indicar a razão porque no bôjo d'um homem algum tanto atarracado se engendraram productos tão hecterogenios e discrepantes e como elementos que tanto brigam se alojaram nos meandros cinzentos d'aquella mioleira. Altos mysterios de Deus.

Como é que o mesmo pae desova em dois filhos que são a antithese um do outro, irreconciliaveis como o bem e o mal, a luz e as trevas?! Não sabemos. Entre tanto é preciso que se diga que estes successos, na ordem das coisas, não são mais do que espelhos que Deus manda ao mundo para mostrar que tem na sua mão differentes caminhos por onde uns trilham até á ultima degradação moral com a alma embriada de egoismo e outros enveredam até merecerem, pelas suas virtudes, a respeitosa adoração dos seus semilhantes. Mas adiante.

Na *Beira Mar* subscreve o seu director um artigo intitulado *uma explicação*.

N'elle faz o sr. dr. Jayme Silva um relato da sua vida politica a dentro dos muros da terra que lhe foi berço. Falseou-o a memoria, pois não começou pelo principio.

S. Ex.ª havia de começar por dizer que logo depois da sua chegada de Coimbra, cheirando a sebenta e arrufada, abriu escriptorio aqui, fundando um jornal republicano, o qual, entre muita gente, zurziu sem dó nem piedade o seu confrade do *Campeão das Provincias* atirando-lhe com as ultimos epithetos do vocabulario dos improprios. Sim, era por ahi que o sr. dr. Jayme Silva tinha obrigação de começar para maior realce das homenagens que lhe tem prestado depois d'isso o *Campeão* e que muito o hão-de ter envaidecido por partirem do antigo adversario para quem S. Ex.ª não era mais que uns insignificante *gerico!*.. Isto alem do resto que, afinal, não vale a pena profundar agora, visto em Aveiro toda a gente conhecer as *convicções* politicas do sr. dr. Jayme Silva. Mas um reparo ainda pretendemos fazer com respeito á *Beira Mar*.

Parece a quem lê superficialmente que o distico *jornal monarchico* é uma banalidade. Não é.

Pelo contrario é a linha mais conceituosa da taboleta. E' um rotulo que define á lettra o seu director.

Patriota e republicano dos mais intransigentes, franquista depois e ultimamente indeciso, em attitude de quem lobriga ponto a que se abrigue e lance ferro, o sr. Jayme Silva, vendo turvos os horisontes politicos, não fez mais do que lançar mão de esse expediente de tarimbeiro manhoso, pespegando aquella etiquêta no jornal para lhe dar a liberdade de, em qualquer altura, estar com a patrulha monarchica que lhe offereça mais vantagens. Fica assim com o pulso livre para ser franquista, vilhenista, alpoinista, lucianista, emfim, tudo.

Esperto moço e muito na logica dos seus processos.

De resto, a *Beira Mar*, atira-se ao sr. Gustavo, ao sr. dr. Soares, a quem chama *mata-cães*, e promette bordoada de crear bicho. Que venha que ha muito quem dê e apanhe

Acaba de ser aposentado, por virtude de doença, o sr. Zacharias da Naia e Silva, 2.º official da repartição de fazenda d'este districto.

JORNAES

«Illustração Popular».—Recebemos mais um numero de esta magnifica revista portuense que não desmerece em nada de aquelles que até hoje se tem publicado.

Recommendamo-la aos nossos leitores de preferencia a qualquer outra.

«Correio do Vouga».—Reappareceu no domingo este jornal, orgão dos interesses da antiga villa d'Eixo e que estava suspenso ha quatro annos.

E' seu director o nosso amigo dr. Alfredo Coelho de Magalhães, esclarecido advogado e professor do lyceu do Porto onde gosa de bastantes sympathias.

Muitas prosperidades lhe desejamos.

A guerra com a China?

Os acontecimentos de Macau.—As provocações dos chinezes e a attitude das auctoridades da colonia.—A nossa marinha e a marinha chineza.

Cada vez mais cheia de perigos e melindres a situação em Macau. Os chinezes não cessam de nos provocar.

Ha poucos dias deu-se nas aguas da nossa colonia um facto que bem demonstra as intenções dos filhos do celeste imperio para comnosco.

Uma canhoneira chineza entrou no porto de Macau e recusou-se a obedecer á capitania, alegando não reconhecer os direitos portuguezes sobre aquellas aguas.

O governador, snr. Alves Roçadas, fez immediatamente preparar a canhoneira Rio Lima e a artilheria de terra e intimou a canhoneira chineza a obedecer ou retirar-se no prazo de uma hora, aliaz faria descarregar contra ella.

Antes do praso marcado o barco chinez houve por bem sahir do porto.

Caso identico se tinha passado algum tempo antes, sendo governador da colonia o capitão snr. Diogo de Sá, que não se comportou com menos inergia, altivez e patriotismo que o heroico major Roçadas.

Em vista d'isto os nossos navios de guerra pozeram-se em marcha para o Oriente. Mas a fatalidade parece perseguir-nos e o cruzador D. Amelia encalhou no canal de Suez, soffrendo grossas avarias no fundo, occasionando o desastre a morte a um fogueiro do navio.

O D. Amelia não pode ser reparado muito em bréve.

Nós não temos estaleiros perto de Macau onde se possa concertar qualquer navio que ahi fique avariado.

O que ha de ser, pois, de nós se se declarar a guerra, com os poucos navios que possuimos?

Se houver um combate naval e os nossos barcos forem attingidos, como é naturalissimo, onde se hão de reparar?

Se nos pozerem dois ou tres navios de velocidade e alcance fóra de combate, a que ficamos lá reduzidos?

Onde está a nossa marinha?

Nós chegamos a umas condicções e a uma decadencia tal que os cuamatas nos derrotaram no Cunene, porque os nossos soldados queriam munições e não as tinham, íam mal organisados e mal fornecidos, tinham peças e não tinham balas, tinham balas e não tinham peças, pois as cargas eram de calibre differente do dos canhões!

Nós não temos marinha nem para o serviço das colonias, sendo um paiz colonial!

A nossa marinha de guerra é inferior á chineza; não podemos competir com a China nem contê-la em respeito para com os nossos direitos e para com a nossa bandeira gloriosa!

E' uma situação lamentavel e triste esta que o regimen dos adeantamentos e das falcatruas eleiçoeiras nos tem creado com os seus desleixo e com a sua falta de respeito pelos mais sagrados interesses da Patria.

Nós só possuimos oito nas vios de guerra em termos de acção—D. Carlos, Vasco da Gama, D. Amelia, S. Gabriel, S. Raphael, Adamastor, Patria e Tejo, com um total de 14:476 toneladas e dos quaes só dois são capazes de dar 22 milhas á hora, havendo mais dois com 18 milhas, um com 16 e tres com 15.

A marinha chineza compõe-se tambem de oito navios, mas deslocando um total de 16:922 toneladas, sendo um de 24 milhas á hora, e dois de 23, um de 22, tres de 19 e um de 16.

Como se vê a velocidade e a tonelagem dos navios chinezes é superior á dos nossos. Em artilheria não temos tambem grandes vantagens.

Além d'isso os nossos navios não podem encontrar abrigo no porto de Macau, excepção feita das canhoneiras «Tejo» e «Patria», por falta de fundo e não temos no Oriente outros portos amigos a que nos possamos acolher. Com a marinha que temos e nas condicções expostas, veja-se se podemos esperar bom exito d'uma guerra com a China. Temos marinheiros arrojados e valorosos, mas esses marinheiros não teem navios e não podem luctar. Nem com a China!

Oh! a suprema vergonha d'uma Patria mil vezes escarnecida e explorada!

O TEMPO

Foram de verdadeiro temporal os dias d'ante-hontem e hontem em que não faltou frio, nem vento, nem chuva.

O inverno em pessoa.

COMMUNICADO

PROTESTO E DESMENTIDO

No *Democrata* de 19 do corrente, n.º 44, vem inserto um communicado, assignado por *um parochiano* d'Arada, contra o qual protestamos e desmentimos, pois é falso o que ahi se diz a nosso respeito. Nenhumas explicações nos foram pedidas sobre azeite ou cera, ou sobre seus fornecedores.

O sorvedouro que enguliu o producto de baldios vendidos, terrenos no cemiterio, parte dos rendimentos ordinarios da Junta, etc., terminou em agosto de 1901.

D'essa data para cá, tem-se feito séria administração, e devido a actividade e zêlo do presidente e secretario, concertou-se os telhados e interior das sachristias, substituiu-se o antigo telhado da egreja, caiou-se esta interior e exteriormente, regularisou-se o cemiterio com lousas vindas do Porto, fechou-se a capella do cemiterio com portão de ferro, puzeram-se em branco os muros do adro, adquiriu alguns paramentos novos, concertou muitos dos antigos, adquiriu toalhas de linho para a communhão e para os altares, um missal novo, uma haste de prata para a cruz da fabrica, e, muitas outras cousas; e sem mais recursos que os rendimentos da parochia, sem nada vender, nem lançar derrama á freguezia, ahi se vê levantada a casa da residencia, bastante adeantada, havendo para ella apenas o subsidio de 200$000 réis, dado pelo Governo.

Tudo isto, repetimos, é devido ao zelo e actividade do presidente e secretario actuaes, não passando d'uma calumnia o que esse tal *parochiano* escreveu, em occasião infeliz.

Freguezia d'Arada, 21—12—908.

Manoel Simões Maio da Fonte
Antonio Nunes Rafeiro
José Maria João da Rosa
Joaquim Gonçalves Netto.

Correspondencias

Sever do Vouga, 14.

Hontem achavam-se em Sever os srs. M. Marques Pereira e Moysés Henriques distribuindo gratuitamente algumas Biblias. N'isto receberam voz de prisão e ordem de recolher á cadeia dada pelo regedor da parochia e por um official da administração.

Os presos pediram para serem levados á presença do administrador antes de recolherem á cadeia. Concedido isso para lá marcharam acompanhados por cabos. Uma vez na presença do administrador elle apossou-se d'uma biblia de certo valor, de uso particular de um dos presos, e de outros impressos biblicos ordinarios. Não lhes quiz ouvir explicações, tratou-se grosseirissimamente, declarando que no seu terreno mandava elle (estas palavras) e que havia de mandar com progressistas e regeneradores e com todos e terminou ordenando aos cabos que recolhessem os presos á cadeia. De volta para Sever (o administrador móra nas Talhadas) pediram os presos aos cabos para entrarem em suas casas por alguns minutos para regularem suas cousas. Satisfeito esse pedido dirigiram-se á cadeia na companhia dos cabos. Não houve quem quizesse tomar a responsabilidade de os encarcerar e por isso voltaram em liberdade para suas casas.

Até aqui é o ponto nú e crú.

Agora vamos dissecar este mostrengo.

Os subordinados do administrador não acataram as suas ordens, certamente por as acharem disparatadas. Ficou assim desprestigiado e quando a auctoridade perde o resto do prestigio o que fica? um farrapo, um esfregão.

As victimas da prepotencia distribuiam biblias ou evangelhos? faziam muitissimo bem, alem de estarem no seu plenissimo direito.

Merecem recompensa e não castigo. Ou entenderá o sr. administrador, prior das Talhadas, que a leitura da biblia é má, prejudicial, que se deve evitar mesmo a troco de todas as tropelias e infrações da lei? Talvez o sr. administrador padre Monteiro prefira nuances frescas como qualquer padre arte-nova. Este prodigio... prodigioso tem dente de coelho para se decifrar. Todavia parece-me que consegui pôr o problema da estupidez em equação e achar-lhe a incognita. Eureka! A má fé e o cynismo de Roma que leva o seu arrojo a chamar falsas as biblias que não incluem os livros introduzidos de novo no concilio de Trento. Podiam chamar-lhes quando muito incompletos, sob o seu ponto de vista. Mas falsas, se alguem tem o direito de assacar tal epiteto são os protestantes ás biblias accrescentadas em Trento.

Isto, claro está, sob o ponto moral, pois que em quanto á legalidade pretença do acto praticado nada serve isto.

Isto dá para muito escalpelar e escovar; mas como o assumpto é desagradavel (não acha?) ficamos para o proximo e *proximos* numeros. Mesmo porque as massadas estão prohibidas depois que o sr. Figueiredo pôz em movimento os engenhos do linho. E a proposito: tambem trataremos das suas relações officiaes com o sr. Figueiredo.

C.

Tabacaria e Livraria Central

DE

BERNARDO DE SOUSA TORRES

Praça do Commercio—AVEIRO

Vende tabacos, livros commerciaes e de estudo, papel e mais objectos d'escriptorio, vinhos finos e communs (engarrafados), licôres nacionaes e estrangeiros, etc., etc.

Livraria Chardron, de LELLO & IRMÃO, Editores
Rua das Carmelitas, 144—PORTO

BIBLIOTHECA RACIONALISTA

EDIÇÃO POPULAR DAS OBRAS DE ERNESTO HAECKEL, LUIZ BUCHNER, CHARLES DARWIN, ETC.

TRADUCÇÕES PORTUGUEZAS

ERNESTO HAECKEL

Os Enygmas do Universo, traducção de Jayme Filinto, 1 vol., no prélo.

Summario:—Interpretação dos Enigmas do Universo.—Origem e descendencia do homem.—Desenvolvimento do Universo.—Principio e fim do Mundo.—Crença e superstição.—Sciencia e christianismo.—Anathema do Papa contra a sciencia.—Faltas da moral christã.—Estado, Escola e Egreja.—Solução dos Enygmas do Universo.

A venda d'esta obra capital do illustre pensador, attinge hoje para mais de 320:000 exemplares, *das edições allemãs, ingleza e franceza, podendo affirmar-se ser o maior successo de livraria da nossa epocha.*

As Maravilhas da Vida, traducção do dr. João de Meira, 1 vol., no prélo.

Summario:—O que é a verdade?—Observação e experiencia.—Concepção da vida.—Milagre e lei natural.—Immortalidade da alma.—Vida e morte.—Causas da morte.—Optimismo e pessimismo.—Suicidio.—Selecção espartana.—Origem da vida.—O desconhecido.—Trasformismo.—Fim da vida.—Progresso.—Costumes e religião.—Selecção sexual.—Moda e pudor.—O papismo é uma caricatura do christianismo.—Justificação do monismo.—Reforma do ensino.

(Esta obra é o complemento d'*Os Enigmas do Universo).*

O Monismo, laço entre a religião e a sciencia, *(Profissão de fé d'um naturalista)*, traducção de Fonseca Cardoso, 1 vol., brochado, 200.

Origem do Homem, traducção de Fonseca Cardoso, 1 vol., brochado, 300.

Summario:—Systema dos *primatas.*—Arvore genealogica dos *primatas.*—Genealogia do homem.—Lamarck e Darwin.—Historia da Evolução humana.—Descoberta dos orgãos do pensamento.—Lei universal de conservação da substancia.—O *pithecantropus erectus,* intermediario entre o homem e o macaco, descoberto na ilha de Java.—Duração dos periodos geologicos.—Conclusões geraes.

Religião e Evolução, traducção do dr. Domingos Ramos, 1 vol., brochado, 300.

Summario:—Theoria da descendencia e o dogma da Egreja.—Parentesco do homem com os macacos e as familias dos vertebrados.—Lucta levantada pela noção da alma, sua immortalidade e a concepção de Deus.—Laplace e o monismo.—Moysés ou Darwin.—Philosophia e doutrina da evolução.—Jesuitas e naturalistas.—O Imperador e o Papa.—Darwin e Virchow.—A religião e a ideia da evolução.

As tiragens das Obras do celebre professor da Universidade de Iéna, repetem-se constantemente, e são já de muitas dezenas de milhares, algumas como OS ENYGMAS *attingiram já para cima de* 320:000, *o que constitue o maior successo em livraria dos tempos modernos.*

Os editores julgam prestar um bom serviço a Portugal e ao Brazil, fazendo a publicação das obras do grande pensador allemão.

POMPILIO RATOLLA

OURIVES—RELOJOEIRO

RUA DE JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO

Objectos d'ouro de fino gosto e de todos os feitios.

Pratas lavradas e de phantasia.

Chrystaes guarnecidos a prata.

Estojos para brindes.

Bengalas com castão de prata desde 2$000 réis.

Relogios de bolso, parede e meza.

Despertadores e o artistico relogio **Republicano.**

Pedras finas e diversos objectos de luxo. Completo sortido.

Concertos em relogios, ouro e prata.

PREÇOS BARATISSIMOS

VIRGILIO RATOLLA

MAMODEIRO

Tem no seu estabelecimento um sortido completo de factos para homem, chales, amazonas, merinos, guarda-chuvas, tabacos e vinhos finos, etc.

Mercearia, ferragens, rulões, sulfato, enchofres e adubos chimicos, etc.

Vendas por junto e a retalho.

MATERIAL

para toda a especie de montagens electricas. Todas as informações.

Encontram-se na Tabacaria Veneziana de

BERNARDO TORRES
AVEIRO

Typ. Minerva Central

DE **JOSÉ BERNARDES DA CRUZ**

Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Trabalhos typographicos em todos os generos.

Primorosa execução de todos os trabalhos, taes como: jornaes, livros, facturas, talões, diplomas, mensagens, etc., etc.—Impressos commerciaes com tinta de cópia. Especialidade em cartões de visita. Variada collecção de cartões de phantasia do mais fino gosto. Picotagem e numeração de talões. Preços modicos.

Esta casa, que pela perfeição e modicidade de preços dos seus trabalhos, NÃO TEM COMPETIDOR no districto d'Aveiro, tem em deposito impressos para escrivães-notarios a 30 REIS o caderno (marca da lei).

AGUAS DA CURÍA

Vendem-se no estabelecimento de

BERNARDO TORRES

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Officina de Serralharia Mechanica

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

= DE =

RICARDO MENDES DA COSTA

Successor de DOMINGOS L. VALENTE D'ALMEIDA

Rua da Corredoura — AVEIRO

N'ESTA officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Deluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das agua

---

PADARIA FERREIRA

DE

Manoel Barreiros de Macedo

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como artigos de mercearia, que tudo vende por preços excessivamente modicos.

Compram-se garrafas vasias.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

Lixas em papel e em panno.

Recommendam-se as da unica Fabrica Portugueza a Vapor de Aveiro, de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

ANTONIO DA CUNHA COELHO

10 — RUA DO CAES — 12

AVEIRO

Loja de chá, café, bolachas e mais generos de mercearia. Vinhos do Porto, de superior qualidade. Champagnes, licôres e cognacs. Azeite, sabão e vellas de stearina.

Perfumarias, papelaria e objectos para escriptorio. Tabacos, louças da India e Japão. Artigos proprios para brindes.